

MICROSCÓPIO

RAUL PILA

26.11.11

O illustre sr. Joaquim Luis Osório, um dos remanescentes apologistas da constituição de 14 de julho, que deu ao Rio Grande do Sul mais de trinta anos de ferrenha ditadura e provocou duas revoluções sangrentas, e logicamente adverso ao sistema parlamentar, que não comporta ditaduras, nem favorece revoluções. A lógica, porém, parece abandoná-lo quando, ao examinar a atual situação política da França, declara ele ser completa a antinomia entre o regime parlamentar e a representação proporcional, com a consequente multiplicidade partidária, e acrescenta que, somente com dois partidos, pode funcionar regularmente o sistema.

Não é isto, com efeito, o que demonstra a observação nos países europeus, onde, excetuada a Inglaterra, a multiplicidade partidária constitui regra, e também não é o que se deduz da própria estrutura e funcionamento do mecanismo parlamentar. Produzida a crise por uma questão qualquer, em torno das suas várias soluções se dispõem os partidos: a fórmula que por si tiver a maioria é a que vai determinar naturalmente a formação do novo governo. Constitui-se este por uma maioria parlamentar, para a realização de um programa determinado. Superado o programa, ou reconhecida a sua inconveniência, ou verificada, ainda, a incapacidade do governo, a nova maioria criará um novo governo. Onde, pois, a alegada antinomia entre parlamentarismo e representação proporcional?

Antinomia existe, sim, entre esta e o presidencialismo. Se o sistema parlamentar funciona mais facilmente com dois ou três grandes partidos e funciona satisfatoriamente com muitos partidos, o sistema presidencial, este, sim, não pode funcionar regularmente com a multiplicidade partidária. Suponham-se os Estados Unidos, não já com dois, senão com cinco ou seis partidos mais ou menos equipolentes, como nos países europeus. Que sucederia fatalmente? Pertencendo a um partido que, por si só, não lhe poderia dar maioria no Congresso, o presidente da República, ou governaria ditatorialmente, como é a regra nas repúblicas latino-americanas, ou teria de pautar a sua política pela da maioria do Congresso, praticando o parlamentarismo larvado, que, num clássico livro, Woodrow Wilson denominou governo congressual.

Em suma, enquanto o parlamentarismo se adapta bem a todas as situações políticas, sem perder o seu caráter essencial de governo da opinião pública, o presidencialismo, com a representação proporcional e a consequente multiplicidade partidária, ou acentua a sua tendência para a ditadura, ou evolue para uma forma mais ou menos atenuada de parlamentarismo. Qual, pois, dos dois sistemas é mais compatível com a representação proporcional?